

‘O OLHAR DO PSICÓLOGO EDUCACIONAL: UM OLHAR SOBRE OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Carolina Francisco Hermenegildo ¹

Pollyana Brandão Gomes ²

carolhermenegildo@gmail.com

Área de conhecimento: Ciências Humanas

RESUMO

A psicologia da aprendizagem estuda o processo pelo qual as formas de pensar e os conhecimentos existentes numa sociedade são apropriados pelo ser humano. O presente estágio foi realizado em uma escola de ensino fundamental da rede pública, situada em uma cidade da Zona da Mata Mineira onde buscou observar além do funcionamento geral da instituição, duas salas de 4º ano do ensino fundamental I. O objetivo do artigo é investigar como acontece o processo de aprendizagem nos alunos das duas turmas de 4º ano, além de buscar identificar o por que a aprendizagem acontece de forma diferente mesmo quando as turmas recebem o mesmo estímulo e o mesmo conteúdo pedagógico pela mesma professora. A pesquisa se realizará através do método qualitativo com pesquisa de campo e aplicação de uma entrevista realizada com uma das professoras que acompanha as duas turmas de 4º ano. Conclui-se que o aprendizado se constrói através da interação, do ambiente, da experiência pessoal e do contexto social do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVES: Aprendizagem; Processos de aprendizagem; Sócio interacionista.

1. INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem se inicia na vida de um ser humano desde o momento que ainda está no útero da mãe e se prolonga até o fim da vida.

Um recém-nascido com alguns dias aprende que se chorar terá a atenção do Outro. No fim do primeiro ano de idade a criança já está explorando o mundo e está se familiarizando com os objetos e já possui certo controle sobre as mãos e os pés e, já iniciou o processo de aquisição da linguagem falada. Aos 4 (quatro) anos, inicia sua vida escolar, onde adquire informações e hábitos da sociedade que vive (CAMPOS, 1987).

¹ Graduanda em Psicologia/ UNIVÉRTIX – Faculdade Vértice.

² Psicóloga (UNEC), especialista em Educação Especial, Saúde Mental, Docência do Ensino Superior, Psicanálise (FACEC, UCAM, UNIVÉRTIX, FUTURA), mestranda em Saúde Pública (EMESCAM) e professora do Curso de Psicologia Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

Enfim, a aprendizagem é fundamental na vida, através dela que as pessoas aprendem seus valores culturais, aprendem seus papéis sociais, aprendem sobre suas emoções, aprendem a desenvolver traços de sua personalidade etc.

A psicologia da aprendizagem estuda o processo pelo qual as formas de pensar e os conhecimentos existentes numa sociedade são apropriados pelo ser humano. Dentro dessa área da psicologia existem algumas teorias que trazem diferentes fatores que influenciam no processo de aprendizagem. As teorias básicas são: a inatista, que acredita que cada ser humano já nasce com o potencial para aprender, subestimando o histórico social; ambientalista, que fundamentasse nos princípios de que o meio tem total influência na aprendizagem do indivíduo; e interacionista, que basicamente é uma relação do inato com o aporte social (DÍAZ, 2011, p.19).

O presente estágio foi realizado em uma escola de ensino fundamental da rede pública, situada em uma cidade da Zona da Mata Mineira, localizada no centro da cidade, onde buscou observar além do funcionamento geral da instituição e de duas salas de 4º ano do ensino fundamental exclusivamente afim de estudar os diferentes processos de aprendizagem presentes em ambas as salas.

O objetivo do artigo é investigar como acontece o processo de aprendizagem em alunos Ensino fundamental I, além de buscar identificar o por que a aprendizagem acontece de forma diferente mesmo quando as turmas recebem o mesmo estímulo e o mesmo conteúdo pedagógico pela mesma professora.

Trabalhos como este são importantes para atualizar a gama de trabalhos acadêmicos e ajudar os mediadores da aprendizagem a entender que é necessário levar em consideração todos os fatores que englobam a vida do sujeito.

3. METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho, as informações foram obtidas durante o Estágio Supervisionado Básico II em Psicologia educacional, realizado em uma Escola Estadual localizada na Zona da Mata Mineira.

A pesquisa se realizou através do método qualitativo com pesquisa de campo com 40 horas de observação e aplicação de uma entrevista realizada com uma das professoras que acompanha as duas turmas de 4º ano.

.No contexto da metodologia qualitativa aplicada à saúde, emprega-se a concepção trazida das Ciências Humanas, segundo as quais, não se busca estudar

o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas (TURATO, 2005, p.509).

Foram realizados 10 encontros no qual totalizou no final do estágio 40 (quarenta horas) em um grupo de 4 estagiárias, tendo os encontros duração de 4 (quatro) horas.

A escola possui aproximadamente 10 salas, sendo elas: uma biblioteca, uma secretaria, uma diretoria, sala de computação e 6 salas de aula, existe também na estrutura física da escola 4 banheiros, sendo um localizado na sala de computação, outro para uso dos professores e outros dois localizados no pátio da escola para uso dos alunos sendo um de uso exclusivo para o público feminino e outro exclusivo para o público masculino. O quadro de funcionários da escola é composto por 01 diretora, 01 vice-diretora, 01 secretária, 02 auxiliares de secretária, 01 pedagoga, 19 professoras de ensino regular, 08 professoras de apoio, 02 professores no uso da biblioteca e 09 funcionários responsáveis pelos serviços gerais.

4. CATEGORIAS EMERGENTES DE COLETAS DE DADOS

No início dos encontros foram realizadas observações gerais sobre o campo educacional e após alguns encontros o trabalho de observação ficou focado em duas turmas de 4º ano, que possuíam as mesmas professoras e elas davam as mesmas matérias, mas os alunos possuíam níveis diferentes de aprendizagem.

Vygotsky destaca que o ambiente deve desafiar, exigir e estimular o campo cognitivo da criança, caso o ambiente não realize o processo de aprendizagem poderá se atrasar ou não se completar (REGO, 2014).

Contudo, nesse caso o ambiente escolar cumpria esses critérios de desafiar, exigir e estimular o cognitivo de formas iguais para as duas turmas e mesmo assim as classes apresentam distâncias no nível de aprendizagem.

Através de uma entrevista realizada com um uma das professoras das classes observadas, pode se esclarecer alguns questionamentos levantados na pesquisa.

Quando questionada sobre sua metodologia ou prática de ensino a professora relatou que sua prática de ensino se encontra embasada na teoria sócio histórica de Vygotsky, que privilegia as relações e o sujeito como coparticipante no processo de aprendizagem colocando assim que sob esta perspectiva o professor é um mediador/ provocador que deve buscar sempre atividades que desafiem o

conhecimento prévio da criança, destacou ainda que possui uma estratégia didática aberta, utilizando-se de várias metodologias para estimular e instigar as crianças no sentido de formalizarem o pensamento crítico e criativo, que é necessário em nosso tempo.

Em seguida relatou sobre como é aplicada essa metodologia nas duas classes. Sendo assim colocou que em relação ao 4º ano A consegue mesclar as diversas metodologias e que lança mão de algumas técnicas de metodologia ativa, onde o aluno produz o próprio conteúdo/conhecimento. Mas assim mesmo há barreiras, porém, o resultado tem sido muito positivo. Sobre o 4º ano B descreve que a turma recebe o mesmo trato que com a turma A, porém há uma discrepância gritante entre as turmas, no que diz respeito ao interesse pelo fazer escolar. Infelizmente a enturmação não obedece a critérios justo de equidade que ofertem a convivência com pares mais avançados cognitivamente e que em meu entendimento auxiliam o colega a evoluir no conteúdo. Há uma segregação “cruel”, onde se separa a Classe “A e B”. Dessa maneira sempre as crianças provindas de meios socioeconômicos menos favorecidos são agrupadas em turmas lotadas. Essas crianças não têm acesso aos meios de consumo e conhecimento que as da turma “A” têm, as famílias não se envolvem tanto em sua vida escolar ou social. São crianças mais dispersas, desinteressadas e agressivas. O que faz da rotina diária em sala de aula uma verdadeira batalha para o professor.

A professora expôs como lida com as questões afetivas de seus alunos e esclareceu que busca estar sempre atenta aos comportamentos dos alunos, por já ter uma boa experiência com crianças e ser uma observadora nata, consegue notar quando existe algo diferente acontecendo com cada um deles. Desabafou ainda sobre como hoje vivemos em uma terrível realidade, na qual chama de crianças abandonadas dentro da própria família e explica-se, há alunas e alunos com alto poder aquisitivo que vivem extremamente desamparadas emocionalmente. Sem apontar culpados ou trazer juízo de valor para este campo, é evidente na área da educação que a grande maioria dos pais está trocando a “Educação” em seu aspecto mais amplo por prêmios de consolação (o máximo do melhor. Presentes, viagens, tecnologias etc), falta presença, apoio, autoridade e limite.

De acordo com a entrevistada não há como lidar de forma eficiente com uma gama tão ampla de emoções, sensações e comportamentos, numa sala com 30 crianças. Porém apesar de ser exaustivo, vem tentando trabalhar com seus alunos o controle de suas emoções. Cita que há uma urgente necessidade da presença do

Psicólogo no âmbito escolar, o que pode auxiliar a reorganizar e realocar as potencialidades e o fazer pedagógico nesse sentido da afetividade.

Segundo Filliozat (1998, p. 17):

Todo o sistema educativo tem que ser revisto. Orientado pelo QI, ele não prepara nossas crianças para a vida do amanhã. É preciso criar espaço para as emoções, levar em conta o desenvolvimento social e afetivo. A inteligência do coração tem necessidade de se alimentar de conhecimentos, de saber fazer e saber ser, da mesma maneira que as outras inteligências.

Ela contou como lida com o erro de seus alunos e disse que em ambas as salas toma o erro como uma ferramenta de avaliação do processo de ensino aprendizagem. Ele sinaliza que há necessidade de retomada do percurso e consolidação do que a criança ainda não foi capaz de apreender.

A professora relatou que trabalha com tarefas de casa e que todas elas dizem respeito ao conteúdo do dia e falou também o motivo de trabalhar com as tarefas, ela acredita que auxilia na consolidação do que foi aplicado em sala de aula. A tarefa não deve e não pode ser uma punição para a criança, ela deve contemplar objetos de aprendizagem que promovam a fixação do conteúdo proposto.

Em relação as dificuldades de seus alunos, disse que, cada criança e cada ser humano são únicos em suas especificidades. Existem dificuldades no aspecto cognitivo que podem ser vencidas através de estratégias pedagógicas e didáticas cotidianamente através de planos de intervenção pedagógica diferenciada. E existem ainda as dificuldades específicas de aprendizagem que provém de condições de deficiências diversas ou mesmo de transtornos de aprendizagem que são fruto de condições fisiológicas. E que estes sim merecem um tratamento mais apurado no processo de ensino, que demanda estratégias diferenciadas, professores de apoio entre outras práticas. Porém a maior parte das dificuldades que encontra em seu contexto está diretamente relacionada à falta de interesse pelo conhecimento, desestrutura familiar (em todas as classes sociais) e falta de foco. Para ela é nítido que as crianças estão vivenciando uma aceleração muito grande de pensamento, o que interfere diretamente em suas emoções e comportamentos de aprendizagem.

Argumentou a forma como você vê o nível sociocultural de seus alunos relacionado ao aprendizado deles e revelou que no 4º ano A entende que conseguem ter acesso a um ambiente que possibilita mais estímulos, conforto no sentido de proteção e emocional tendo então oportunidades de acesso a bens culturais, livros, experiências enriquecedoras como viagens, visitas a museus

bibliotecas, acesso a livros de qualidade faz toda a diferença no resultado final da aprendizagem dos alunos. Já no 4º ano B vê diariamente que eles não têm acesso aos meios culturais o que prejudica seu processo educativo. Defende que as professoras tentam fazer o máximo para ofertar conteúdos enriquecedores e desafiadores a todos sem distinção, porém é uma tarefa árdua. Segundo ela, o professor está sobrecarregado de funções e em uma sala onde são agrupadas crianças com características semelhantes (baixo desempenho) e observa uma maior dificuldade de engajar os alunos nas tarefas diárias mais comuns.

A escola é um espaço social próprio, com duas dimensões: a institucional que é composta por regras criando um padrão entre os sujeitos; e o cotidiano que é formada por relações sociais entre indivíduos, como uniões e conflitos (DAYRELL, 1996).

Relatou como vê a estrutura familiar de seus alunos e como isso interfere no aprendizado deles, colocou que possui absoluta certeza que o meio familiar interfere sim no aprendizado e que isso não diz somente de crianças menos favorecidas economicamente. Para ela estamos enfrentando um fenômeno já citado anteriormente que é o “Abandono familiar dentro do lar”. Há um privilégio por bens de consumo em detrimento do suporte emocional e educação formal familiar. A criança perdeu seu referencial como ser humano. O que é tremendamente preocupante pois, a escola sozinha não dá conta do papel da família, e sua missão que o conteúdo curricular e o saber sistematizado.

Ela investe em uma prática que volte seu olhar para o ser humano em sua totalidade, sem rótulos, classificação ou segregação em nenhum aspecto. Está aberta às vivências comunitárias, tomando o espaço da cidade como espaço de aprendizagem. Acredita que não pode mais conceber um ensino praticado com crianças trancafiadas por 4 horas em uma sala de aula onde o único atrativo/desafio é o professor. Pensa numa escola aberta que trabalhe a educação em tempo integral verdadeiramente em sua proposta e não seja apenas um depósito de crianças enquanto os pais trabalham.

Descreveu a relação aluno/aluno na classe e observa que o que foi construído até aqui pela proposta educativa, trouxe uma perversa ordem de competitividade para a sala de aula. A escola de ensino fundamental 1, alfabetização está se transformando em lugar de formação para o vestibular. Muito conteúdo e pouco aprendizado. Para ela lidamos com gerações que são pequenas majestades em casa, que chegam na escola acreditando em poder “TUDO”, com relação ao “Outro”

e isto tem trazido muitos conflitos relacionais. Muitas vezes o professor passa 60% de seu tempo em sala de aula tentando resolver conflitos entre os alunos e apenas 40% tentando aplicar seu planejamento diário.

Declarou a relação aluno/professor e disse que busca sempre uma relação pautada pela afetividade. Acredita que o cérebro aprende com o que o afeta. E também a afetividade interacional onde trabalha com a criança sua autoimagem, confiança, enfim se sinta segura e protegida naquele espaço. Para ela há momentos duros em que é necessário impor a autoridade e muitas vezes ser mais eloquente com os pequenos. Traz consigo a concepção de um grande educador chamado Hamilton Werneck que diz: Pulso firme... Coração que educa”.

Falou sobre o rendimento escolar dos alunos e em média, o 4º ano A apresenta 85% na média total dos conteúdos e o 4º ano B 65% na média total dos conteúdos.

Sobre o ritmo de trabalho, disse que com o 4º ano A consegue na maior parte das vezes chegar ao fim do conteúdo previsto para o dia e que somente quando há algum contratempo que interfere no andamento do dia letivo. Já no 4º ano B acha uma turma complicada, é aplicado o mesmo conteúdo da mesma maneira e com as mesmas estratégias didáticas, porém o rendimento cotidiano é mais lento, devido à falta de engajamento das crianças e pequenos conflitos em sala de aula.

Em relação a frequência escolar dos alunos, em média, do 4º ano A em torno de 90% e no 4º ano B em torno de 75%.

Durante uma dificuldade o 4º ano A questiona e busca ajuda, são curiosos e tendem a pedir maiores informações para a resolução de sua questão e o 4º ano B deixa de fazer a atividade e se camuflam apenas copiando do colega.

A respeito do comportamento da turma do 4º ano A, disse que são crianças extremamente participativas, mas se encontram numa fase intermediária entre a infância e pré-adolescência se assim podemos chamar. A sexualidade está aflorada de forma precoce e a natureza fala mais alto. Conversam muito, perdem o foco muitas vezes, porém chamados à realidade dão conta do conteúdo proposto. E o 4º ano B tem algumas dificuldades com comportamentos, são pontuais e localizadas, mas vem interferindo no andamento de todo o plano de ensino.

Quanto a motivação do 4º ano A revelou que são crianças bastante motivadas e engajadas, muitas vezes voluntariosos, porém o manejo da turma ainda faz com que obtenham bom a ótimo desempenho. E o 4º ano B, uma pequena parte (25%)

da turma entende o que é o processo escolar e está motivada a aprender, mas a grande maioria 75% dessa turma é desmotivada e alheia à escola.

O aluno motivado tem curiosidade sobre novos conhecimentos e oportunidades, e tem processo ativo durante a aprendizagem, motivados, sentem felicidade em fazer as tarefas e disposição para novos desafios (ALCARÁ E GUIMARÃES, 2007).

Sendo assim, conclui-se que o aprendizado se constrói através da interação, do ambiente, da experiência pessoal e do contexto social do indivíduo como diz Vygotsky em sua teoria sócio interacionista. Através desse trabalho foi possível constatar que os alunos que possuem mais acesso a família, a estímulos e a oportunidades conseguem ter um melhor aprendizado e a serem mais engajados. Os alunos que estão em situação de maior vulnerabilidade social e as famílias são mais distantes apresentaram maior dificuldade e desinteresse o que faz com que o aprendizado seja lento e resistente. É claro que esses fatores não são 100% determinantes e não são os únicos, mas fazem com que as chances de interferirem positivamente ou negativamente no aprendizado sejam maiores.

5. CONCLUSÃO

A realização do estágio, de modo geral, contribuiu para minha formação como profissional da Psicologia, ao passo que me permitiu ter uma experiência mais realista da realidade pelos participantes da escola, bem como pelos desafios enfrentados pela equipe. Possibilitou que os estagiários adquirissem habilidades de analisar criticamente a área educacional, mostrando outro lado do campo educacional, fazendo com que os acadêmicos tenham conhecimento da área que poderão trabalhar depois de formados.

Para a Psicologia uma das coisas mais importantes é a experiência cotidiana pois é nela que a teoria é aplicada. As experiências vividas tornaram a teoria literalmente a prática.

Ademais, como futuros profissionais temos o compromisso de trabalhar visando o acolhimento da diversidade de modos de ser e a inclusão das diferentes potencialidades, com fins para a efetivação dos direitos comuns à todos os cidadãos.

6. REFERÊNCIAS

ALCARÁ, A.R; GUIMARÃES, S.É.R. A Instrumentalidade como uma estratégia motivacional. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 177-178. Londrina-PR. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a19>. Acesso em: 23/05/2019.

ANDALO, C. S.A. O papel do psicólogo escolar. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, v. 4, n. 1, p. 43-46, 1984. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498931984000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22/05/2019.

CAMPOS, D.M.S. **Psicologia da Aprendizagem**. 35 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

DÍAZ, F. **O processo de aprendizagem e seus transtornos**. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5190/1/O%20processo%20de%20aprendizagem-repositorio2.pdf>. Acesso em: 23/05/2019.

FILLIOZAT, I. **A inteligência do coração: a nova linguagem das emoções**. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1998.

FONTANA, R.A.C. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural**. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, v. 194, p. 136-162, 1996.

LURIA, A.R. **A construção da mente**. 2 ed. São Paulo: Ícone, 1992.

RAMOS, F.S. et al. **O papel do psicólogo escolar no processo de inclusão educacional de pessoas com deficiências**. Campina Grande-PB. 2016. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA_12_ID3239_20102016213613.pdf. Acesso em: 30/05/2019.

REGO, T.C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SKINNER, B. **Ciência e comportamento humano**. 11 ed. Brasília: FUNBEC, 1970.

TURATO, E.R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa**. **Revista de Saúde Pública**, Nº 3. Campinas. v 39. Junho - 2005. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsp/2005.v39n3/507-514/pt>. Acesso em: 27/05/2019.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e Linguagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11 ed. São Paulo: Ícone, 2010.